

WEINHARDT, Marilene (Org.). *Ficções contemporâneas: histórias e memórias*. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2015. 261 p.



*Ficções contemporâneas*, segundo a organizadora prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Marilene Weinhardt, é o resultado de novos estudos realizados pelo Grupo de Pesquisas Estudos sobre Ficção Histórica no Brasil, em atividade desde 2003. Os textos que compõem a obra apontam dois aspectos importantes do *corpus* de investigação do Grupo: o esforço em demonstrar que o discurso de memórias, como recurso ficcional, tem se fortalecido e o fato de que aportes teóricos sobre a ficção histórica continuam presentes na literatura brasileira. O livro está constituído de nove ensaios, escritos por novos e antigos colaboradores do Grupo de Pesquisas que, em 2011, trouxe a público o resultado de suas primeiras investigações com o título de *Ficção histórica: teoria e crítica*.

O ensaio, intitulado *Damiana – ponte e margem: ficção e historicidade na trajetória de uma heroína caiapó*, escrito pela professora Gisele Thiel Della Cruz, analisa a obra *Guerra no coração do cerrado* (2006), da goiana Maria José Silveira. Segundo a ensaísta, esse livro tornou-se matéria de discussão por reunir duas características relevantes: o fato de a obra ter sido escrita por uma mulher e do protagonismo também pertencer a outra mulher, a índia caiapó Damiana da Cunha Menezes. O ensaio preocupa-se em ressaltar que o percentual de romances históricos escritos por mulheres tem aumentado, significando um amadurecimento da escrita feminina na literatura brasileira. A forma como a autora goiana constrói sua protagonista reforça a ideia de que as novas heroínas estão ocupando espaços que vão além da casa, rompendo com o maniqueísmo presente nas personagens do século XIX e em parte do século XX. Os romances escritos por mulheres, segundo a professora Gisele Cruz, propõem novas versões, não só para personagens heroizadas, mas também para aquelas que ainda se mantêm à margem, movimento que é perceptível em *Guerra no coração do cerrado*.

Em *Pequenas memórias: a (re)construção de um passado individual*, a professora Eduarda Regina Drabczynski da Matta, analisa a autobiografia de José Saramago (1922-2010), *As pequenas memórias* (2006). A análise inicia advertindo para a presença de um “estranhamento”, resultado da questão do quanto as lembranças do passado podem ser consideradas

fidedignas. No entanto, como o ensaio trabalha com o tema da memória na elaboração de escritas autobiográficas, procura demonstrar que o importante não é comprovar a veracidade do que se evoca, mas pronunciar-se sobre a importância da imaginação no processo de rememoração. Desse modo, a ensaísta conclui que, em *As pequenas memórias*, Saramago não está preocupado em convencer-se ou enganar-se, mas simplesmente narrar lembranças de seu passado que deixaram marcas na sua memória.

O ensaio *Por sendas e fendas de “Sinhá Braba”*, escrito pelo professor Maurício Cesar Menon, examina o romance *Sinhá Braba – D. Joaquina de Pompéu* (1999), do mineiro Agripa Vasconcelos (1900-1969). O livro analisado faz parte de um conjunto composto de sete romances – *As Sagas do País das Gerais* – que procura ficcionalizar a história de Minas Gerais. O ensaísta esclarece, no entanto, que o termo “saga” empregado pelo autor mineiro não tem o mesmo sentido que lhe é dado tradicionalmente – longa extensão temporal na diegese –, mas ao fato de ser uma obra extensa, com um conjunto de textos constituídos de narrações de lendas, de feitos e da vida de pessoas de uma determinada região. É chamada também a atenção para os elementos que compõem o peritexto – como o título e subtítulo – que, segundo Menon, podem ser considerados “pistas” para situar esse livro na categoria de romance histórico. Causa estranheza, porém, o fato de Agripa Vasconcelos insistir que em *Sinhá Braba* não existiria nenhum tipo de invenção, levando o ensaísta a teorizar que essa insistência estaria relacionada com a necessidade do autor de manter-se fiel às suas origens, ou seja, o de ser descendente da protagonista do romance, D. Joaquina de Pompéu. A conclusão do texto é de que a figura da protagonista sintetiza os movimentos mais marcantes da nação ainda colônia e da metrópole colonizadora, preenchendo alguns dos espaços vazios deixados pela história oficial.

*Paródia e condição nacional: estudo sobre a ficção histórica de Ana Miranda*, ensaio escrito pela professora Eunice de Moraes, analisa os romances históricos *Boca do Inferno* (1989), *A última quimera* (1995) e *Dias e Dias* (2002) da escritora cearense Ana Miranda. A tese defendida nesse ensaio é a de que os três romances são construções paródicas, nas quais, além da homenagem, há

um debate e um questionamento dos discursos de nação (ou a sua falta) na construção de um projeto literário do passado. A ensaísta percebe que em *Boca do Inferno* o caráter paródico está no uso do discurso histórico como fonte de pesquisa, no questionamento das categorias do gênero – narrativa biográfica ou narrativa histórica? – e na dúvida lançada sobre a autoridade do discurso histórico. No romance sobre Augusto dos Anjos, *A última quimera*, Morais nota a preocupação da autora em destituir o poeta de seu aspecto canônico. Para conseguir esse efeito, Ana Miranda não só atualiza discursos, mas apropria-se de textos, deslocando-os espacial e temporalmente. Em *Dias e Dias*, o foco está no contexto histórico no qual está mergulhado Gonçalves Dias, tornado o responsável pelo discurso nacionalista do poeta, com uma literatura baseada na busca por uma representação do herói nacional e da cor local. Desse modo, a ensaísta observa que nos três romances examinados as apropriações paródicas têm o objetivo de trabalhar questões relacionadas com a formação da identidade nacional brasileira, indo, portanto, além da simples ficcionalização das vidas dos poetas/personagens.

O ensaio, intitulado *A vida como literatura e a literatura para viver: apontamentos sobre a ficção de Silviano Santiago*, escrito pela professora Naira de Almeida Nascimento, analisa, a partir de uma perspectiva que leva em conta os entrelaçamentos da memória com a literatura e a história, os romances *Heranças* (2008) e *Mil rosas roubadas* (2014) do professor, ensaísta, poeta e romancista mineiro Silviano Santiago. Em *Heranças*, Naira Nascimento estabelece uma relação com algumas obras de Machado de Assis – *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, *Dom Casmurro* e *Esau e Jacó* – apontando marcas que tornam essa identificação evidente: semelhanças entre os protagonistas, presença da ironia, utilização da metanarrativa, diálogo com o leitor e gosto pelos provérbios e o tratado filosófico. Em *Mil rosas roubadas* o cenário escolhido é o da cena cultural, com um narrador que teoriza sobre as possibilidades biográficas, denunciando preconceitos, a partir de uma escrita baseada no “eu”. Para a ensaísta, nessas duas obras de Silviano Santiago existe a presença do registro biográfico; contudo, enquanto em *Heranças* há o predomínio do registro autobiográfico, em *Mil rosas roubadas* a tentativa de escrever sobre a vida de um amigo acaba cedendo espaço à autoanálise.

Em *A memória e o vazio agressivo: sobre a ética do luto em “Não falei”, de Beatriz Bracher*, o professor Emerson Pereti analisa as estratégias do narrador de *Não falei* (2004), da escritora paulista Beatriz Bracher, para representar experiências traumáticas e os recursos que as literaturas contemporâneas utilizam para realizar o trabalho de luto em decorrência do “Terrorismo de Estado” imposto pela ditadura militar brasileira.

Valendo-se de textos sobre o tema e documentos como o *Projeto Brasil: nunca mais* (1985-1988), o ensaísta apresenta o narrador de *Não falei* como um indivíduo que luta contra as lembranças da tortura, adiando o que não pode ser dito no momento, para permitir que alguns possam esquecer enquanto outros precisem lembrar. Nesse sentido, *Não falei* é dominado por um discurso memorialístico, que oscila entre o “esquecimento ativo” e o “esquecimento passivo”, com a presença de uma intencionalidade que transparece quando a escritora, utilizando entrevistas realizadas com amigos, transita entre o real e o ficcional. Para Pereti, Beatriz Bracher escreve não só sobre a questão do trauma e do luto, mas também sobre a culpa daquele que sobreviveu e é obrigado a rememorar para não enlouquecer.

O ensaio, *As memórias da casa: personagem e narradora*, a professora Edna da Silva Polese examina a obra *A casa* (2004), da escritora cearense Natércia Campos (1938-2004). A ensaísta chama a atenção para o fato de, nesse romance, a narradora não ser um indivíduo, mas uma casa. Assim, ela torna-se um narrador autodiegético, onisciente, testemunha dos fatos que ocorrem em seu interior, desde o momento de sua construção até quando ela desaparece submersa nas águas de um rio. Essa representação de um ser onipresente e consciente é considerada a realização mais importante do romance, pois diferentes ambientes (cozinha, quartos, sala) e objetos (aquela da casa, espelho) tornam-se espaços de registro de experiências e, conseqüentemente, de memórias que acabam assumindo um caráter coletivo. A ensaísta conclui destacando que o romance utiliza vários recursos de construção memorialística, dos quais o mais importante é o de uma casa tornar-se o depósito das memórias de várias personagens que nela habitaram.

*A construção do relato memorialístico em três contos contemporâneos*, ensaio escrito pela professora Benedita de Cássia Lima Sant’Anna, examina três contos selecionados pela revista britânica *Granta*, para participarem de seu nono número, dedicado a autores brasileiros contemporâneos: *Animais* (2012), de Michel Laub, *Você tem dado notícias?* (2012), de Leandro Sarmatz, e *Violeta* (2012), de Miguel Del Castillho. Em relação a *Animais*, a ensaísta destaca a linguagem, que segue uma sintaxe e uma prosódia característica de uma criança, transformando-se em um relato memorialístico no qual a figura do pai e dos animais de estimação do narrador ocupam o centro da narrativa. *Você tem dado notícias?* também chama atenção pela linguagem, dessa vez dura, adotada pelo narrador, não mais uma criança, mas um homem velho e doente, um pai que abandonou a família em busca de um sonho de independência e que agora, diante da morte iminente, se vê obrigado a relembrar fatos controversos de sua vida. Em *Violeta*, o

argumento centra-se na rememoração de acontecimentos do regime ditatorial uruguaio e cabe à narradora, cujo nome corresponde ao título do conto, relatar eventos traumáticos que ocorreram antes da personagem os ter percebido e entendido, permitindo que o passado seja atualizado. Para a ensaísta, os três contos constituem, além de história, um resgate de memórias que, mesmo divergentes entre si, trazem para as narrativas contemporâneas registros de uma memória coletiva.

O último ensaio chama-se *Filhos da geração de 1960/70: herdeiros da memória*, escrito pela professora e organizadora de *Ficções contemporâneas*, Marilene Weinhardt. Nele é realizado um exame de duas obras cujos narradores são jovens mulheres que têm em comum a morte da mãe e as mudanças que esse evento causou em suas vidas: *A chave de casa* (2007), de Tatiana Salem Levy, e *Azul Corvo* (2010), de Adriana Lisboa. Em relação ao romance de Tatiana Levy, a professora Marilene chama a atenção para as características que apontam para o gênero autoficção, com uma narrativa que não obedece a uma trama regular, havendo um “deslizamento” entre a primeira e a terceira pessoa, forçando o leitor a acompanhar os deslocamentos que ocorrem durante a história. *Azul corvo* é a narrativa, em primeira pessoa, de uma jovem de 22 anos que aos 13 enfrenta a morte da mãe, vendo-se obrigada a viajar para o exterior para encontrar seu tutor legal. Segundo a ensaísta, a história vai sendo montada de forma sinuosa, com a autora utilizando diferentes fontes de informações que preenchem espaços

vazios, permitindo entrever eventos do passado (como a Guerrilha do Araguaia) e jogando com o lembrado porque é vivido e o lembrado porque é ouvido de alguém. As duas obras contemplam questões, como as novas interpretações dadas a acontecimentos históricos, a rememoração como parte do trabalho de luto e a experiência de sentir-se estrangeiro em seu próprio país.

É possível dizer que *Ficções contemporâneas*, do Grupo de Pesquisas Estudos sobre Ficção Histórica no Brasil, traz um contributo importante para as investigações relacionadas com a ficção histórica brasileira. Além da variedade de obras e autores analisados, percebe-se a presença de diferentes abordagens e perspectivas teóricas que vão desde a escrita de autoria feminina, passando por questões como luto e trauma, formação da identidade brasileira, registros biográficos e autobiográficos, até a possibilidade de a ficção histórica permitir a construção de novas interpretações sobre eventos do passado. Enfim, os artigos que fazem parte dessa obra permitem uma reflexão teórico-crítica sobre o trabalho que vem sendo realizado nessa área, demonstrando que o discurso de memórias tem espaço garantido dentro da ficção contemporânea.

MARGARETE HÜLSENDEGER  
PUCRS

Recebido: 05 de agosto de 2016  
Aprovado: 12 de agosto de 2016  
Contato: [margarete.hulsendeger@acad.pucrs.br](mailto:margarete.hulsendeger@acad.pucrs.br)